

Sociologias

Sociologias

ISSN: 1517-4522

revsoc@ufrgs.br

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Brasil

Seráfico, Marcelo

Lições do artesanato intelectual: a herança do mestre

Sociologias, núm. 11, junho, 2004

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Porto Alegre, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=86819563002>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto


HOMENAGEM AO PROFESSOR OCTÁVIO IANNI

Lições do artesanato intelectual: a herança do mestre

Marcelo Seráfico*


Em livro, escrito em fins da década de 50, intitulado *A Imaginação Sociológica*, Charles Wright Mills apresenta sugestões riquíssimas para se pensar a prática sociológica. Polemiza ali com correntes do pensamento vinculadas ao que chamava de “empirismo abstrato”, bem como com aqueles que transformavam a sociologia em instrumento de um certo “ethos burocrático”. Argumenta acerca da impropriedade das discussões teórico-metodológicas não lastreadas em pesquisas empíricas, isto é, sem referência a problemas concretos encontrados no transcurso de investigações. Condena a instrumentalização das Ciências Sociais, tratadas por muitos como mecanismos de dominação, como técnicas refinadas de controle social.

* Doutorando em Sociologia no PPGS/UFRGS.




Wright Mills opõe à atitude hermética, burocrática, formalista e instrumental da sociologia, uma prática artesanal. Caracterizada pelo domínio do pesquisador de todo o processo de conhecimento, desde a definição dos temas, passando pela organização dos arquivos e chegando à exposição dos resultados, a atividade do sociólogo consistiria num artesanato intelectual. Tal artesanato permitiria tanto criar as condições para o conhecimento da realidade, quanto liberar a imaginação sociológica de modo a torná-la permeável a novas questões e possibilidades de resposta.

São pelo menos duas as mais significativas implicações dessa atitude. Primeiramente, ela supõe que o sociólogo vincule sua biografia à história, as experiências pessoais aos processos sociais mais amplos. Isto porque é no contraponto entre a trajetória do indivíduo e as condicionantes mais gerais da vida social que residem as chaves, os momentos heurísticos, para a problematização e compreensão da realidade. Em segundo lugar, esse tipo de prática sociológica carrega consigo uma reivindicação: a de manutenção, na sociologia contemporânea – ele escreve na década de 50, mas não parece inadequada a defesa do mesmo pon-



to de vista hoje – de uma tradição herdada da sociologia clássica. Segundo Mills, um traço característico dos autores clássicos (Marx, Engels, Weber, Durkheim, mas também Veblen, Mosca, Schumpeter, Lippman, Spencer, Mannheim, Simmel, Thomas e Znanieck) era seu modo de fazer perguntas e de respondê-las. As perguntas, sempre amplas, concernem à totalidade da vida social, às suas transformações e à variedade de indivíduos, homens e mulheres, que a povoam. As respostas permitem articular concepções sobre a sociedade, sobre a biografia e, também, sobre a história, vistas como dimensões de uma mesma realidade. Além disso, os temas e problemas levantados pelos clássicos revestiam-se de interesse público, versavam sobre questões públicas, sobre impasses e dramas experimentados por homens e mulheres.


Não é à toa que nas obras clássicas as vigorosas interpretações de situações concretas convertem-se em orientações para pensar outras realidades. As perguntas nelas propostas e as explicações apresentadas resultam, de um lado, em conhecimento crítico sobre estruturas, processos e relações sociais concretas e, de outro, em magníficas imagens do Homem, em seus dilemas, conflitos, caminhos e descaminhos.



Assumir essa herança não é tarefa fácil. Exige a dedicação de artesão rigoroso, imaginativo, aberto ao novo, imerso, mas não afogado por seu ofício.

Se algum termo pode definir Octávio Ianni, parece-me que é o de artesão intelectual. Como tal, o Professor Ianni incorporou e enriqueceu a herança dos clássicos, tornando-se ele mesmo uma referência necessária da sociologia e do fazer sociológico.


Raças e Classes Sociais no Brasil, Industrialização e Desenvolvimento Social no Brasil, Estado e Capitalismo, Estado e Planejamento Econômico no Brasil, Ditadura e Agricultura, A Luta pela Terra, Origens Agrárias do Estado Brasileiro, O Colapso do Populismo no Brasil, A Ditadura do Grande Capital, As Metamorfoses do Escravo, A Idéia de Brasil Moderno, A Globalização e o Retorno da Questão Nacional, A Era do Globalismo, Teorias da Globalização, Enigmas da Modernidade Mundo, A Polêmica sobre Ciências e Humanidades, Imperialismo e Cultura, Sociologia da Cultura, Sociologia da Sociologia, Sociologia da Sociologia Latino-Americana, Colonização e Contra-Reforma Agrária na Amazônia, Imperialismo na América Latina, O ABC da Classe Operária e tantos outros títulos são emblemas da dedicação com que Octávio Ianni buscou decifrar, deslindar a realidade brasileira, latino-americana e mundial.



Com a mesma serenidade que ministrava suas aulas, orientava os alunos e lidava com sua própria produção acadêmica. Ao invés da vaidade que por muito menos se apodera de alguns espíritos nas universidades, Ianni combinava à sua infinita curiosidade e ao incondicional compromisso com uma visão emancipatória do Homem, a humildade. Essas características faziam com que seu encanto pelo conhecimento atingisse quem o conhecia.

Esse encanto se revelava nos diálogos entusiasmados e polêmicos que mantinha com todos, sem distinção; e também no empenho em compreender e expor idéias alheias. Insistia na necessidade de “entender os demônios do autor”. Para tanto, instigava a todos que mergulhassem no pensamento do outro, procurando apanhá-lo em sua essência e nas nuances. Feita essa projeção, depois de “colocar-se na pele” de quem se queria entender, recomendava que se testassem as hipóteses e pressupostos em jogo, submetendo-os à crítica imanente, o que desvelaria os limites e possibilidades do pensamento em análise.

A pedagogia e a sociologia de Octávio Ianni eram assim, libertárias, comprometidas com o projeto de construção de indivíduos e coletividades autônomos.



Através delas se tomava consciência do imperativo de compreender o outro, de fazer-se por ele compreendido e, com isso, de promover o esclarecimento de todos. É evidente que isso significava luta. Ianni travou-a bravamente em várias frentes, sendo a universidade um dos principais.

É por essas e outras razões que sua morte deixa uma enorme lacuna no ambiente universitário brasileiro. Deixa, ainda, um vazio irreparável nas Ciências Sociais. Mas também lega um exemplo de quão profícuo é o artesanato intelectual. É ele que libera a imaginação sociológica e, ao liberá-la, permite tanto forjar imagens fortíssimas de nossa complexa sociedade, quanto o surgimento de homens da envergadura de Octávio Ianni, um gigante da sociologia.